

## POTÊNCIA DO PROFESSOR: ATIVIDADE DE ENSINO E AS GRANDES ALEGRIAS DA DOCÊNCIA

Celso dos S. Vasconcellos<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo defende a necessidade de se resgatar a atratividade da profissão docente a partir de um dos seus elementos básicos que são as grandes alegrias da docência: atividade extremamente relevante, o encontro humano, a aprendizagem e o ensino. Se o professor não encontrar sentido em sua atividade, não há condições objetivas de trabalho (salário, número de alunos em sala de aula etc.) que possam realizá-lo pessoal e profissionalmente.

**Palavras-Chave:** Docência. Atividade de Ensino. Grandes Alegrias.

### ABSTRACT

The article defends the need to recover the attractiveness of the teaching profession based on one of its basic elements, which are the great joys of teaching: an extremely relevant activity, the human encounter, learning and teaching. If teachers don't find meaning in their activity, there are no objective working conditions (salary, number of students in class, etc.) that can make them personally and professionally fulfilled.

**Keywords:** Teaching. Teaching Activity. Great Joys.

### INTRODUÇÃO

O cotidiano do professor é muito desafiador. Sua atividade didática exige um trabalho antes e outro depois, além do durante a atividade de ensino. A sociedade pede do professor que, além das suas tarefas básicas, esteja também atento às questões da sexualidade, gravidez na adolescência, drogas, consumo, trânsito, conservação do meio ambiente, educação para a paz, educação alimentar, financeira, empreendedora, sem contar os casos em que tem que dar educação básica como hábitos de higiene e civilidade. Diante disto, poderíamos indagar: por que ainda tantos querem ser professores? É que no exercício do magistério existem também satisfações, realizações, prazeres, alegrias.

---

<sup>1</sup> Prof. Celso dos Santos Vasconcellos é Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, pesquisador, escritor, conferencista, professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação. Foi Professor (Educação Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-Graduação), Orientador Educacional, Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola. É consultor de secretarias de educação, responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica. [celsovasconcellos@uol.com.br](mailto:celsovasconcellos@uol.com.br)  
[www.celsovasconcellos.com.br](http://www.celsovasconcellos.com.br)

Tem-se falado muito das agruras da docência, das dificuldades para o exercício do magistério. E temos de falar porque faz parte da realidade que precisa ser transformada. Por outro lado, quando se discute a necessidade de resgatar a atratividade da atividade docente, tem nos intrigado o fato de as estratégias de resgate ficarem restritas a questões de salário, condições de trabalho, reconhecimento social. Tudo isto é fundamental, sem a menor dúvida, todavia se, ao mesmo tempo (superar viés dicotômico!), também não resgatarmos o sentido da atividade de ensino, as alegrias da docência, nós mesmos vamos desanimando, entregando os pontos. Segundo Espinosa, na *Ética*, “alegria é o crescimento da potência”. Precisamos resgatar as grandes alegrias da docência!

Dentre as pequenas alegrias<sup>2</sup> podemos citar: facilidade para se formar professor (muitos cursos com baixas exigências); flexibilidade do horário de trabalho, maior tempo de férias, oportunidade constante de trabalho (emprego quase sempre tem, e ainda em todo lugar, possibilitando a mudança de cidade); o salário, muitas vezes, não é grande coisa, mas chega todo mês; possibilidade de ter mais de um emprego, estabilidade ou muita dificuldade para ser demitido; sempre há “um público cativo” (até por força de lei) em sala de aula; aposentadoria com menos tempo de serviço, aposentadoria com salário integral. Estas pequenas alegrias, com certeza, não sustentam a opção de uma vida por uma profissão que é muito bonita, mas muito desafiante também.

Já num nível intermediário, podemos citar o reconhecimento social: o professor é um dos profissionais, junto com bombeiros e médicos, em que a população mais confia (notem que estamos falando de confiança e não necessariamente de valorização), conforme revelam pesquisas de opinião.

Por quê, para que sou professor? O que me motiva a ser professor? O que me faz levantar “segunda-feira” e dirigir-me à escola? O que me traz realização no trabalho? Afinal, o que me traz verdadeira alegria na docência?

As grandes alegrias nos remetem ao cerne mesmo da Atividade Docente, ao seu núcleo, àquilo que é mais específico.

Se o professor não encontrar sentido em sua atividade, não há condições objetivas que possam realizá-lo!

Dentre as grandes alegrias, elencamos:

---

<sup>2</sup> Há um aspecto muito delicado, mas que merece nota: a alegria patológica. Há professores, por exemplo, que têm prazer em constatar a reprovação no final do ano daquele aluno que, logo nos primeiros dias de aula, ele previu que isto aconteceria (profecias autorrealizadoras de fracasso)..

## **ATIVIDADE EXTREMAMENTE RELEVANTE**

O magistério possibilita o prazer de exercer uma atividade com extrema relevância social: a formação humana, a educação (=Humanização) através do ensino, base da cidadania, da democracia. Assim como os profissionais da saúde, os profissionais da educação estão ligados à própria produção e reprodução da espécie; no nosso caso, do ponto de vista simbólico, cultural. A sociedade contemporânea não conseguiria manter-se sem a escola.

Uma coisa é o reconhecimento social, que em determinado momento pode existir ou não de forma adequada. Outra, é o valor intrínseco da profissão, quando é exercida de forma consciente e crítica.

## **CONTRIBUIÇÃO DA ATIVIDADE DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO EM DIVERSOS CAMPOS**

**Desenvolvimento Econômico:** esta talvez seja uma das funções da escola mais destacadas pelos governantes. De fato, é bastante evidente o quanto o avanço de um país depende de quadros profissionais e científicos bem formados. Todavia, a relevância da atividade docente vai muito além disto.

**Desenvolvimento Ambiental:** cada vez mais, na contemporaneidade, cresce o alerta para a necessidade de cuidados na perspectiva da preservação e sustentabilidade da nossa Nave-Mãe, a Terra.

**Desenvolvimento Social:** pesquisas revelam, por exemplo, que cada ano de escolaridade da mãe provoca diminuição da mortalidade infantil, assim como do gasto com internação da criança por problemas de saúde etc.

**Desenvolvimento Cultural:** através do estudo, as pessoas se qualificam para produzir cultura em níveis cada vez mais diversificado e avançado.

**Desenvolvimento Político:** a democracia não funciona adequadamente sem uma escola de qualidade. Porque o princípio básico da democracia é a participação, o exercício livre e consciente da escolha e, para que as pessoas possam participar efetivamente, elas têm que ter acesso ao conhecimento. E não qualquer acesso: deve ser crítico, criativo, significativo e duradouro. A atividade docente está fortemente relacionada à conquista da democracia. O docente vai ajudar a criança, o jovem e o adulto a experimentar que o conhecimento liberta.

Vai ajudar o educando a entender, de forma fundamentada e crítica, que a configuração atual da realidade é apenas uma, e não a única, que um outro mundo é possível. A escola, ao propiciar a internalização dos elementos significativos da cultura, tem um papel fundamental de anunciar às novas gerações que o mundo pode ser diferente do que vem sendo, que a mudança da vida, da realidade é possível!

Desenvolvimento Humano: não nascemos prontos, nem programados. A rigor, não nascemos humanos; a filogênese nos coloca na condição de homínídeos ao nascer. Tornamo-nos humanos a partir do acesso à cultura, pelo diálogo, pela conversa, pela interação. Se alguém tem dúvida, basta ver os famosos casos das chamadas “crianças selvagens” como, por exemplo, Victor de Aveyron na França (ITARD, 1801), Kaspar Hauser na Alemanha (BLIKSTEIN, 1983), Amala e Kamala na Índia (ARANHA; MARTINS, 1986). No caso de Amala e Kamala, como ocorreu no século XX, há até fotos; pelo fato de terem sido criadas por lobos, tiveram o seu desenvolvimento profundamente prejudicado. O trabalho docente vai ajudar a garantir o direito inalienável de acesso à cultura que todo ser humano tem, cuidando para que cada um e todos aprendam, e desenvolvam a criatividade. O professor vai ajudar o educando a se “desgrudar” do aqui e do agora, a navegar no tempo e no espaço, a sair da ditadura do presente, do concreto, a transitar pelo abstrato, pelo categorial (e assim a desenvolver as funções psicológicas superiores - Vygotsky), bem como voltar ao concreto com instrumentos para sua transformação. É importante lembrar que a aprendizagem do aluno na escola não é uma aprendizagem qualquer. Trata-se de uma aprendizagem sistemática, categorial, não-espontânea, dado seu caráter científico, filosófico, estético, tecnológico. E isso não acontece ao acaso: é preciso mediação!

Quando constatamos o verdadeiro estado de corrosão do caráter (Sennett) na sociedade, mais sério e profundo do que aquilo que aparece em termos de corrupção, vem a questão: como saímos desta? Será que colocando um policial ao lado de cada cidadão para controlá-lo? Mas, se assim for, vem a clássica pergunta: e quem controla o policial que controla o cidadão? Por aí não tem saída! O que se espera é que o sujeito não vá ficar com o troco a mais da padaria, não porque há uma câmara filmando-o (controle externo, heteronomia), mas sim porque não acha certo, porque internalizou um conjunto de valores (autonomia) com base na verdade, justiça, solidariedade. Em outros

termos: porque foi bem-educado! E aí, certamente, o trabalho dos pais e dos educadores na escola é absolutamente imprescindível.

## ENCONTRO HUMANO

O magistério nos permite trabalhar com gente<sup>3</sup>, permite-nos o relacionamento com crianças, jovens e adultos, com suas dificuldades e dramas, é certo, mas também com seus sonhos, com suas fantasias, com suas trajetórias, com suas riquezas, com suas formas peculiares de ser, enfim, com seus mistérios (daí o sentido da reverência diante do outro). É muito difícil, porém é, ao mesmo tempo, um privilégio porque temos, através da presença constante destes outros, um convite constante para crescer. Porque cada aluno, todo ano, todo semestre é um pequeno convite-desafio para melhorarmos como seres humanos, para podermos nos aproximar dele, para podermos compreendê-lo, para que ele de fato aprenda, se desenvolva e seja feliz (*docta gaudium*). Nossos alunos têm características gerais (relativas, por exemplo, à sua idade, nível de escolaridade, gênero, classe social), mas também têm características singulares, que precisam ser percebidas e trabalhadas. Então, as peculiaridades do João Vitor, da Ana Cláudia representam um eterno desafio para crescermos, para nos tornarmos seres humanos melhores, para os compreendermos melhor. Entendemos que o currículo escolar é, antes de tudo, o encontro dos currículos pessoais dos alunos com os curriculares pessoais de seus professores.

O encontro humano na sala de aula é marcado também por momentos muito significativos, como este relatado por uma professora<sup>4</sup>:

[...] lembrei da recepção das crianças da minha classe quando cheguei na escola ontem. Na verdade, eu estava muito preocupada com a minha filha, que está com uma alergia muito forte; estava chateada com a forma que fui tratada na hora da consulta. Por conta de uma manhã tão tumultuada pensei que teria muita dificuldade de dar aula, mas para minha surpresa foi um dia maravilhoso devido à manifestação de carinho que recebi das crianças. A profissão de professor(a) não é fácil, mas ao mesmo tempo ela proporciona a oportunidade de vivenciar esses momentos primorosos, momentos que ficarão na memória

---

3 Há pessoas que trabalham com máquinas, com plantas, com madeira, com papel, com ideias, com números, etc. Nós temos este privilégio de trabalhar com pessoas, e ainda em fase de grande desenvolvimento.

4 Do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Educação de Guarulhos/SP.

para sempre, um presente que não tem preço”.

O professor que está aberto a aprender com os alunos, está o tempo todo se renovando.

Nós estamos cada ano mais velhos; nossos alunos, no entanto, estão chegando sempre mais ou menos com a mesma idade. Isto, com certeza, permite uma renovação, nos desafia a manter diálogo com novas formas de ver e estar no mundo.<sup>5</sup>

O encontro humano, todavia, vai muito além de estarmos juntos num mesmo espaço. Atualmente, com a “sociedade da informação”, com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, parece que está todo mundo com pressa de estar com pressa em outro lugar. O sujeito está ali, mas o *quente mesmo* está acontecendo em outro lugar. Quando chega lá, o *quente mesmo* está noutro... Ou seja, nunca está onde deveria estar. Só há um problema: educação não se faz sem presença! As crianças, os jovens, os adultos estão chegando na escola muito marcados pela fragmentação. Se não encontram alguém que ao menos está buscando uma inteireza, o encontro humano fica impossível.

## O VÍNCULO COMO FUNDAMENTO BÁSICO DA DOCÊNCIA

Quando, buscando os fundamentos, analisamos o princípio da aprendizagem (assim como do cosmos, da humanidade, do sujeito), deparamo-nos com um aspecto geral, ontológico, da própria constituição do ser, que é a questão das relações, do vínculo, do afeto, do amor, do desejo. Seria possível falar destas coisas sendo sérios, rigorosos, fazendo Ciência da Educação (lembrando que o sonho de infância de muitos professores era ser cientista!), ou necessariamente entramos no campo da *doxa*, da opinião, da “autoajuda”, do “oba-oba”, do sentimentalismo, da manipulação das emoções? A questão do vínculo, do afeto não é simples; porém, remete-nos ao âmago mesmo da tarefa educativa escolar. Não temos a menor pretensão de esgotá-la, mas apenas de fazer algumas aproximações. Só a título de posicionamento inicial, para evitar equívocos de compreensão, entendemos que tudo o que é humanamente digno

---

<sup>5</sup> Há, por exemplo, grandes publicitários que não deixam de dar aula a fim de se alimentarem da energia, da criatividade, da forma de ser das novas gerações.

passa pelo amor, mas o amor não é tudo! Sem competência técnica, sem compromisso político, sem ética, sem estética, sem condições objetivas, pode-se fazer (como se fez historicamente) enormes estragos em nome do amor!

Ao pensarmos na escola, logo vem a ideia do conhecimento, da apropriação do saber sistematizado por parte dos estudantes, que é a função mais explícita, mais clássica da escola. Ora, o evento básico do conhecimento é exatamente uma relação: a de um sujeito cognoscente com um objeto cognoscível (Freire, 1986). Diz-se sujeito cognoscente, e não simplesmente sujeito, para caracterizar esta situação de conhecimento, em que o sujeito “elege”, digamos assim, no meio de tantos outros, aquele objeto para ser conhecido (objeto passou a ser foco do seu interesse, da sua motivação). Portanto, tem como base uma relação! E conhecer, do ponto de vista epistemológico, enquanto processo, é estabelecer relações. Eis, novamente a presença da relação! Conhecer, enquanto produto, é produzir significado, produzir sentido para as coisas. E isto se faz estabelecendo relações entre as representações mentais que o sujeito tem ou aquelas que vai criar, produzir, concernentes ao objeto de conhecimento. Olha aí a relação novamente! Por exemplo, o sujeito não conhece determinada coisa, e se dispõe a conhecer: vai estabelecendo relações, criando representações, relações entre essas representações, que ao se articularem, ao se conectarem, vão atribuindo sentido àquela realidade. As representações mentais vão se organizando em saberes que permitem a sistematização, a ciência, etc. Mas a base, o processo mais elementar, é o estabelecimento de vínculos, de relações.

Isto que acontece do ponto de vista epistemológico tem a ver com um aspecto mais amplo que é a questão do afeto, o par complementar da cognição. Atualmente, os estudos das Neurociências apresentam um conjunto de evidências, inclusive com imagens do funcionamento cerebral, que confirmam que não dá para separar o cognitivo e o afetivo. Aliás, a própria contribuição básica das Neurociências nos revela a presença das relações no âmago dos processos bioquímicos do cérebro: a sinapse, as redes neuronais. Teilhard de Chardin tem um conceito muito interessante de amor: afinidade, atração do ser pelo ser (1970: 290). Na visão dele, olhando a molécula, o átomo, é o amor que está aí. Por que os elétrons (que têm carga elétrica negativa) não se desgarram? Porque são atraídos pelos prótons (que têm carga positiva) presentes no núcleo. Portanto, desde a estrutura mais elementar da matéria, ele vê o amor,



até chegar ao amor humano (e divino). Estamos nos referindo, portanto, a toda essa questão do vínculo, das relações, dos laços, das conexões, dos *links*, das ligações, das redes.

Deve ficar claro que não se trata de incluir o vínculo afetivo na relação professor-aluno. O vínculo está sempre presente! A grande questão é trabalhá-lo de forma mais consciente, de forma mais cuidada.

Se o vínculo básico, em termos do processo de aprendizagem, é o do sujeito com o objeto com intenção de conhecê-lo (desejo/necessidade epistemológica), e, a partir disto, o vínculo entre as representações mentais do sujeito, e considerando a inseparabilidade entre cognição e afeto, podemos afirmar que tudo que se fizer na escola em termos de se estabelecer vínculo com os alunos, ao fim e ao cabo, estará também contribuindo para sua aprendizagem. Notem bem: não estamos afirmando, de forma alguma, que o vínculo afetivo substitui o cognitivo. Por mais que o professor goste do aluno, não tem como conhecer por ele. Ocorre que o vínculo afetivo pode levar o educando a colocar a atenção sobre o objeto de estudo e, então, desencadear-se o processo de aprendizagem.

Como sabemos, o interesse, a mobilização para aprendizagem —grande queixa dos professores— diz respeito ao vínculo afetivo do sujeito com o objeto de conhecimento (desejo/necessidade epistemológica).

Seria muito bom, por exemplo, que no primeiro dia de aula cada professor, cada educador, ao se apresentar aos alunos pudesse dizer “Estou aqui para ficar!”, ou “Eu vim para ficar!”, demonstrando a preocupação e o compromisso com eles, tendo clareza de que não se faz educação sem a criação de sólidos vínculos. A permanência na escola por alguns anos, a superação da rotatividade, das faltas e atrasos sem motivos relevantes, com certeza, são algumas das exigências para tal. O fundamento primeiro do currículo são as pessoas, no horizonte do Projeto Político-Pedagógico.

Em tempos de *amor líquido* (Bauman), de fragmentação e fragilidade dos vínculos, uma alternativa é manter o mesmo coletivo dos alunos e, se possível, o mesmo professor do ano anterior. Propiciar o envolvimento do grupo de alunos, o fortalecimento de vínculos (ex.: fazer manhã/tarde/noite de convivência); “perder tempo” com isto.

## APRENDIZAGEM



Para exercer a contento nossa atividade, precisamos continuar aprendendo ao longo da vida. Isto vale também para outras profissões. Todavia, a aprendizagem do professor tem algumas peculiaridades pelo fato de ter de lidar com a complexidade, com a sistematização, com as categorias de historicidade, totalidade, criticidade, em função do ensino que vem em seguida.

Ora, conhecer dá um grande prazer; Freud chegou mesmo a compará-lo com o prazer sexual. É claro que estamos falando de construção de conhecimento e não de mero acúmulo de informações, o que costuma ser profundamente enfadonho.

Os gregos tinham ao menos três nomes para tempo. *Chrónos*, que é o tempo “cronológico”, o tempo físico, o tempo corrido, que pode ser medido. *Kairós*, que é o tempo oportuno, o tempo especial, o tempo da visitação. E *Aión*, que é um tempo muito diferente porque é um tempo que não é tempo, que não é marcado pela duração, mas pela intensidade. Algumas vezes traduzido como Eternidade, mas, talvez mais bem compreendido como o tempo dos deuses, porque para os deuses não existe tempo. O tempo é uma invenção humana. O famoso fragmento 52 de Heráclito diz “Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado”; o termo que usa em grego não é *Chrónos*, e sim é *Aión*. Deleuze, entre outros, fala do *Devir-Criança*. Para que possamos viver nosso *Devir-Professor*, o nosso *Vir a Ser* deve estar marcado por essa questão da infância, ou seja, essa alegria de conhecer. O olhar da criança é marcado por este espanto, assombro, surpresa, contradição, desequilíbrio, pulsão, fome, gosto, paixão, disposição epistemofílica, avidez, sede, carência, consciência da incompletude, tendência, inclinação, vontade, curiosidade, interesse, desejo, necessidade, motivação, mobilização para a aprendizagem.

Esta disposição epistemofílica, este desejo, esta curiosidade, está na base de todo processo de conhecimento. Avançando, lembramos que Freud, mais exatamente, comparava o prazer de conhecer ao orgasmo. Nos encontros de formação, temos provocado os professores: “Se sua vida sexual não vai muito bem, estude mais, pesquise mais!”. Isto porque, a rigor, todo processo de aprendizagem está mexendo com a libido, com esta disposição básica para a vida, em todas as suas dimensões. Isto vale também para quem tem uma vida contemplativa. Os escritos de Santa Tereza D’Ávila, de São João da Cruz, por exemplo, os relatos que fazem sobre a contemplação, em alguns momentos o êxtase, a intensidade da vivência é tão grande que parecem estar descrevendo

um orgasmo. É impressionante a alegria que revelam no estado de contemplação. Mas a gênese é a mesma: a busca, a curiosidade. Ninguém vai contemplar a face do Senhor se não estiver ardentemente buscando-a. O salmista já dizia isto de forma tão clara: “Uma só coisa peço ao Senhor, e só a ela busco: habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida”. Não há estudo e pesquisa que se sustente se não estiverem marcados por uma profunda curiosidade, por uma ardente busca. Então, o professor que está envolvido em processo de conhecimento é aquele que está alimentando, desenvolvendo a sua libido. Daí a sua alegria.

Notem que está tudo ligado. Estamos falando da mais profunda raiz da epistemologia, do processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo da experiência do amor do casal, ou da oração do místico. Está tudo relacionado. Essa é uma coisa muito bonita do conhecimento, este eterno convite a ser mais, a aprender em níveis cada vez maiores de abrangência e complexidade. E essa é a possibilidade de alegria radical do professor. O professor que é professor está sempre envolvido nessa dinâmica da aprendizagem.

## ENSINO

O Magistério propicia o prazer de ensinar, de ver o outro aprender com nossa mediação. Sabemos que é o outro quem cresce —por mais que goste de um aluno, não posso conhecer por ele, como apontamos—, mas com nossa ajuda. Isto traz uma enorme realização. Preparamo-nos a vida toda para ser o profissional que somos hoje; dedicamo-nos a estudar, pesquisar, sistematizar determinada área do conhecimento humano, traduzi-la em plano de ação. Agora, na atividade de ensino, percebemos que aquilo que faz tanto sentido para nós, faz sentido também para outras pessoas, com as quais talvez nunca tenhamos nos encontrado antes. Nada se compara com a satisfação de encontrar um antigo aluno e ouvir aquela carinhosa e significativa saudação: “Professor!...” Neste momento, temos a certeza de que deixamos uma marca (ensino vem do latim *insignare*, pôr um sinal —*signum*—, marcar com sinal, dar a conhecer). Dessa forma, o magistério favorece a experiência radical de ser coautor da criação. *O professor, assim, não morre jamais* (Alves, 1994)<sup>6</sup>, exorcizando um dos

---

<sup>6</sup> Um fato recente na rede de ensino da cidade de São Paulo é revelador: foi desenvolvido um projeto com alunos monitores de informática. Um dos objetivos básicos era propiciar o protagonismo juvenil. Ao término do projeto, emergiu algo surpreendente: vários destes jovens manifes-

medos do ser humano que é o anonimato, a insignificância.

Uma das características do professor é justamente esta: está sempre atento com possibilidades novas para a atividade de ensino. Tirou férias, está caminhando na praia, vê uma pedra, uma formação rochosa meio diferente, o que faz? “Vou mostrar isso para os alunos!” Está sossegado em casa assistindo um filme, de repente, “Opa, posso passar esse filme para os meninos, vai ser interessante para discutir aquele tema...” Este é o professor, ligado, vislumbrando novas possibilidades de ensino.

Entretanto, esta alegria só pode ser experimentada por quem se dedica, se entrega efetivamente ao ensino. Infelizmente, há professores esperando que primeiro os alunos se disponham, para que daí ele “faça sua parte”. Nós somos os adultos da relação<sup>7</sup>, temos de tomar iniciativa, dar o primeiro passo.

Martin Buber (1878-1965), no livro *Histórias do Rabi*, tem uma colocação muito interessante: “O mestre orienta os discípulos e, nos momentos de depressão, os discípulos reorientam o mestre”. Isto é fantástico. Quem já foi resgatado por seus alunos em momentos difíceis de sua vida sabe o quanto esta afirmação é verdadeira. Todavia, isso só pode acontecer se houve uma entrega primeiro, se vínculos profundos foram criados com os alunos. Como nos diz Fernando Pessoa (1888-1935):

*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.*

Este poema remete à essa necessidade mergulhar, de se entregar àquilo que estamos fazendo.

A educação é uma atividade maravilhosa, mas pede uma entrega. Nós temos que arriscar. Não podemos ficar esperando que a iniciativa venha do aluno. A iniciativa primeira tem que ser nossa. Há uma alegria enorme. Todavia, só é vivida por quem se entrega.

---

taram o desejo de ser professor. Tinham experimentado justamente este prazer de ensinar.

7 Certa feita, adentram a sala da coordenação pedagógica um professor e um aluno do Ensino Médio. O aluno, dirigindo-se ao coordenador diz “O professor me xingou”; o professor vira-se e fala “É, mas ele me xingou primeiro...” Alguém ali não estava com clareza sobre seu papel. Afinal, quem é o adulto da relação?

Pequeno exemplo, relatado por professoras da Rede Municipal do Rio de Janeiro, sobre duas professoras trabalhando com o 6º ano, com os mesmos alunos, na Comunidade da Maré. Uma professora: os alunos agredem, ameaçam de morte, riscam o carro, furam o pneu. A outra: os alunos vão buscá-la lá fora, como uma espécie de anjos da guarda, para protegê-la. Como explicar isso? – “É o salário do professor que é um absurdo”. Sim, de um modo geral, o salário é um absurdo, mas, nesse caso, é o mesmo. – “É a família que não põe limites”. É a mesma família. São os mesmos alunos. – “É o Estatuto da Criança”. É o mesmo Estatuto. – “É a Mídia”. É a mesma Mídia. Qual seja, todos os fatores externos são os mesmos. O que muda, segundo o relato das professoras? A atitude delas, a postura, o vínculo estabelecido.

Pelo relato, a primeira professora chega na classe, no 1º dia de aula, com uma postura mais ou menos assim: “–Ai meu Deus! O que eu vim fazer aqui? Todos esses neguinhos safados, filhos de marginais. Não vejo a hora de sair daqui.” Como sabemos, ela não precisa falar coisa alguma, mas os alunos captam. Freud explica: o grande encontro com o outro é o dos inconscientes. O que falamos é só a pontinha do iceberg. A violência física dos alunos é uma resposta, não consciente, a essa violência simbólica, afetiva, estética, ética da professora.

E a outra professora? Pelo que contaram, no primeiro dia de aula chega na sala de aula e diz algo do tipo: “–Eu vim para ficar. Vocês estão me vendo, aqui, este ano. Se me procurarem no ano que vem, nesta escola, vou estar aqui. E no outro ano, também vou estar. Eu vim para ficar. Quero dizer de coração aberto: nunca os vi, sempre os amei. Quando me fiz professora, me fiz professora para ser professora de todos os alunos que a sociedade me colocasse. Não me fiz professora para trabalhar com este ou com aquele aluno. Me fiz professora para trabalhar com todos aqueles alunos que a sociedade me colocasse. Desejei ardentemente esse encontro com vocês. Nunca os vi, sempre os amei. Esta é a minha profissão e, modéstia a parte, sou muito boa nisso. Já ajudei muita gente a aprender. E sei que vocês todos podem aprender, porque todo ser humano pode aprender se forem dadas todas as condições. E nós vamos dar as condições aqui. Só não consigo fazer isso sozinha. Preciso da ajuda de vocês. Posso contar com vocês? Vamos combinar? Nenhum a menos? Se algum colega tiver dificuldade, vamos ajudar para que venha aprender? Se algum colega começar a faltar, vamos atrás? Vamos combinar?”

Certamente, um contrato como esse na sala de aula faz uma profunda diferença. O que cada uma delas está fazendo? Usando sua respectiva Zona de Autonomia Relativa. Só que cada uma numa direção. Não estamos negando os limites externos, todavia é fundamental lembrar que sempre existe um espaço de liberdade, uma Zona de Autonomia Relativa (ZAR) (Vasconcellos, 2017a).

A busca das Grandes Alegrias da Docência poderia parecer a alguns ser uma estratégia de alienação, uma espécie de “jogo do contente”, uma saída à Pollyanna. Pelo contrário: para enfrentar tão difícil situação (a intrincada armadilha histórica montada para o professor) é que precisamos, como nunca, resgatar os fundamentos, as possíveis fontes de alegrias radicais da docência. O que vislumbramos é o professor encontrar alegria, prazer, satisfação, realização, dentro, é certo, dos limites dados pela realidade, portanto, na sua Zona de Autonomia Relativa, justamente para que tenha ânimo, energia, disposição, crença em seu poder (superação da imobilizadora sensação de impotência), e lute para superar os limites e contradições das estruturas escolares, do sistema de ensino e do sistema social.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A Alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- ARANHA, Maria L. A. e MARTINS, Maria H. P. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1983.
- BUBER, Martin. *Histórias do Rabi*, 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O Fenômeno Humano*. Porto: Tavares Martins, 1970.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Que É Filosofia?* 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997 (1ª reimpressão, 2000).
- ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. In *Os Pensadores*, 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. XVIII, 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

HERÁCLITO. Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários. In: *Os Pensadores*, 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ITARD, Jean (1801). Da Educação de um Homem Selvagem ou Dos Primeiros Desenvolvimentos Físicos e Morais do Jovem Selvagem de Aveyron. In: BANKS-LEITE, Luci e GALVÃO, Izabel (orgs.). *A Educação de um Selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard*. São Paulo: Cortez, 2000.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Alguns (Di)lemas do Professor no Contexto da Complexidade. *Pátio: Revista Pedagógica*, Porto Alegre, ano VII, n. 27, p.12-15, agosto/outubro, 2003.

\_\_\_\_\_. O(a) Professor(a) mexe com o sentido da vida – entrevista. *Mundo Jovem*. Porto Alegre: outubro de 2005 (n. 361).

\_\_\_\_\_. É Possível Sair do Marasmo – entrevista. *A Revista do Educador Direcional*. São Paulo: junho de 2006 (n. 17).

\_\_\_\_\_. Falsas Idéias e (Des)Estímulo aos Educadores. *Pátio Revista Pedagógica*. Porto Alegre: agosto/outubro de 2006 (n. 39).

\_\_\_\_\_. Competência Docente na Perspectiva de Paulo Freire. *Revista de Educação AEC*. Brasília: abril/junho de 2007 (n. 143).

\_\_\_\_\_. A transformação cabe ao Professor – entrevista. *Extra Classe*. Porto Alegre: Sinpro/RS, maio de 2007 (n. 113).

\_\_\_\_\_. Zona de Autonomia Relativa. In: *Currículo: A Atividade Humana como Princípio Educativo*, 4ª ed. São Paulo: Libertad, 2017a.

\_\_\_\_\_. *Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação*, 14ª ed. São Paulo: Libertad, 2017b.

VYGOTSKY, L. S. *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.